DESCONSTRUINDO A NORMALIDADE: UMA ANÁLISE DO LIVRO "NINGUÉM É NORMAL" DE ROY RICHARD GRINKER PELA ÓTICA COMPORTAMENTAL

Maitê Barriento Lopes Peron e Alex Moreira Carvalho

Apoio:PIVIC Mackenzie

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar os conceitos de normalidade, estigma, saúde mental, capitalismo, eventos privados, cultura e controle social presentes na obra Ninguém é Normal, de Roy Richard Grinker, discutindo suas implicações para a Psicologia a partir das perspectivas da Análise do Comportamento de B. F. Skinner e Emmanuel Tourinho. Trata-se de uma pesquisa conceitual, desenvolvida por meio de um esquema teórico-conceitual e do Procedimento de Interpretação Conceitual de Texto (PICT). Foram analisadas as obras Ninguém é Normal, Ciência e Comportamento Humano e Subjetividade e Relações Comportamentais, buscando estabelecer relações entre os conceitos apresentados pelos autores. Os resultados indicaram que a cultura constitui um elemento central na compreensão da normalidade, do estigma, do capitalismo, dos eventos privados e do controle social. Identificou-se que os padrões de normalidade são socialmente construídos e influenciam a forma como comportamentos e sofrimentos são classificados e compreendidos. A análise também apontou relações entre capitalismo, controle social e produção de estigmas, além de discutir como os diagnósticos podem contribuir para a compreensão dos indivíduos, mas também favorecer processos de medicalização e banalização dos transtornos mentais.

Palavras-chave: Normalidade; Estigma; Cultura.

ABSTRACT

This research aimed to analyze the concepts of normality, stigma, mental health, capitalism, private events, culture, and social control present in Roy Richard Grinker's book Nobody's Normal, discussing their implications for Psychology from the perspectives of Behavior Analysis proposed by B. F. Skinner and Emmanuel Tourinho. This qualitative, exploratory study was developed through a theoretical-conceptual framework and the Conceptual Interpretation of Text Procedure (PICT). The works Nobody's Normal, Science and Human Behavior, and Subjectivity and Behavioral Relations were analyzed in order to establish relationships between the concepts presented by the authors. The results indicated that culture constitutes a central element in understanding normality, stigma, capitalism, private events, and social control. The analysis identified that standards of normality are socially constructed and influence how behaviors and psychological suffering are classified and understood. It also identified relationships between capitalism, social control, and the production of stigma, as well

as discussing how diagnoses may contribute to understanding individuals while also favoring processes of medicalization and the trivialization of mental disorders.

Keywords: Normality; Stigma; Culture.

1. INTRODUÇÃO

De acordo com um estudo epidemiológico da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2022), em 2019, antes mesmo da pandemia, 970 milhões de pessoas em todo o mundo viviam com transtornos mentais, sendo as maiores porcentagens: 31% de transtornos de ansiedade e 28,9% de transtornos depressivos. Diante desse cenário, os governos estão tentando criar formas de lidar com a situação:

> Muitos países estabeleceram planos ou políticas de saúde mental atualizados e mais substanciosos. Os movimentos de defesa amplificaram as vozes de pessoas que passaram pela experiência de vivenciar condições de saúde mental. Respaldado por pesquisas, o campo avançou tecnicamente. Inúmeras diretrizes, práticas e fundamentadas em evidências sobre saúde mental, bem como manuais e outras ferramentas já estão disponíveis para implementação. (OMS, 2022, p.xiii).

A saúde mental tem despertado crescente interesse e se tornado foco de intensa investigação nas últimas décadas. Desde as duas últimas grandes guerras, ela tem sido muito mais estudada e compreendida como algo que pode ser tratado. Sendo assim, esse tópico ganhou grande destaque nas discussões e nas mídias sociais, o que tem impulsionado a ampliação da pesquisa sobre o assunto (GRINKER, 2024).

Por um lado, o estigma em torno do transtorno mental vem sendo cada vez mais questionado, levando as pessoas a compreender melhor as diferentes condições de saúde mental e contribuindo para a redução de preconceitos. Entretanto, como apontado por Frances (2014), atualmente passamos por uma “inflação de diagnósticos”, pois problemas cotidianos estão sendo tratados como transtornos mentais e, consequentemente, pessoas estão sendo medicalizadas. A disseminação de autodiagnósticos pode interferir na avaliação clínica, especialmente na diferenciação entre dificuldades cotidianas e sintomas diagnósticos de transtornos mentais (MARZAL e CAPONI, 2025).

Os diagnósticos podem surgir de forma a amparar os indivíduos, ajudá-los a se compreenderem melhor e a buscar o tratamento adequado. Porém, quando definidos de forma inadequada, podem favorecer interpretações reducionistas da experiência individual e

restringir a compreensão da pessoa sobre sua subjetividade apenas às características descritas nas categorias diagnósticas. Por isso, é importante compreender os conceitos de normalidade, doença mental e estigma. Qual a tênue diferença entre uma dificuldade pessoal e um transtorno mental? Quem é normal?

Levando em conta esses questionamentos, a presente pesquisa tem como objetivos:

- Analisar os conceitos de normalidade, estigma, saúde mental, capitalismo, eventos privados, cultura e controle social na obra "Ninguém é Normal" de Roy Richard Grinker.
- Discutir as implicações desses conceitos para a psicologia a partir de uma perspectiva skinneriana e touriniana.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

2.1) Estigma, transtorno mental e capitalismo: uma revisão conceitual

A diferença entre normalidade e loucura é um debate histórico que prevalece até a atualidade. São conceitos que mudam de acordo com o momento social-histórico, uma vez que são um reflexo da cultura. A normalidade é contextual, esse conceito pode adquirir significados diferentes dependendo da situação em que se encontra (GRINKER, 2024). Seguindo a mesma linha de raciocínio, Skinner (2003) também argumenta que o comportamento do indivíduo será moldado de acordo com as contingências proporcionadas pelo ambiente, incluindo variáveis sociais e culturais. Sendo assim, é preciso ter uma visão ampla e histórica sobre o contexto vivido para realmente compreender o estigma que recai sobre o indivíduo.

Em seu livro, Grinker (2024) relata o caso de um homem de tribo africana, esquizofrênico, que recebia tratamento do curandeiro da vila onde morava, mas, depois de um tempo, foi em busca de ajuda com medicamentos ocidentais. A equipe clínica que o atendeu, deu o diagnóstico de "esquizofrenia" e prescreveu o uso de antipsicótico. Porém, "ele não é louco e não é estigmatizado" (p.34) porque em sua vila, acreditam que ele sofre uma punição religiosa. Sua tribo rival enviou espíritos para seu corpo quando seus primos estupraram uma jovem, ou seja, não foi uma punição diretamente a ele, mas sim por acaso de sua família. Sendo assim, o ambiente em que a pessoa está inserida influencia diretamente a forma como vai lidar com seu transtorno mental e o estigma que recairá sobre ele.

O estigma é um conceito que está presente na humanidade há muito tempo. Para uma melhor compreensão socio-histórica, Grinker (2024) começa o livro trazendo sua perspectiva sobre o surgimento da palavra na Grécia Antiga e seu uso nos dias de hoje:

> Há o estigma de transtorno mental quando nosso estado psicológico define nossa identidade; quando as pessoas nos veem como falhos e incompetentes; quando somos invisíveis para outros; ou quando as pessoas veem nosso sofrimento, mas nos culpam por ele. (p.15)

Entretanto, atualmente o conceito de estigma vem adquirindo novos significados. Grinker (2024) debate essa ideia dentro de um contexto atual, por meio de uma experiência que vivenciou:

> Recentemente, listei para meus alunos algumas estimativas de incidência: entre 8 e 9% das crianças americanas têm TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade); em certos estados, a estimativa de incidência de autismo é superior a 2%; de 8% a 10% das crianças tem transtorno de ansiedade; aproximadamente 1% dos adultos tem esquizofrenia; mais de 2,5% dos adultos têm transtorno bipolar; e o índice de depressão grave em adultos entre 18 e os 25 anos de idade é de cerca de 11%. Um aluno perguntou em tom de brincadeira: Ninguém mais é normal? (p. 17)

Para compreender melhor, é necessário contextualizar historicamente o “surgimento” do transtorno mental na sociedade. Segundo Tourinho (2009), durante o século XVI, ainda na sociedade feudal, o sujeito era coletivo e todos exerciam atividades para colaborar. Entretanto, nos séculos XV e XVI, com o surgimento da economia capitalista, as pequenas vilas se tornam grandes cidades e o sujeito passa a ser muito mais individualista. O trabalho torna-se a questão central na vida de todos, pois agora cada pessoa tem sua própria independência e autonomia; portanto, deve trabalhar para se sustentar e manter a economia girando. Com a Reforma Protestante, isso se torna mais forte, pois o trabalho, além de assumir uma forma de subsistência, também adquire um poder de salvação divina. Dentro desse contexto, as pessoas que não conseguiam se encaixar nessa lógica capitalista, eram apenas um peso ou um fardo, pois quem não produzia não era reconhecido.

Assim surgem os manicômios. “Consequentemente os asilos eram projetados para segregar e punir os desocupados, muitas vezes de forma brutal e em celas sórdidas, e as prisões eram projetadas para produzir culpa. A modernidade culpa a vítima.” (GRINKER, 2024, p. 44)

Hospícios são criados primeiro para confinar e depois surge o objetivo de tratar (GRINKER, 2024). “O transtorno mental e o estigma nasceram juntos” (p. 57), porque os médicos psiquiatras e administradores de hospícios foram os primeiros a definir os transtornos mentais e criar instituições que marginalizaram e silenciaram os doentes mentais. Sendo

assim, tanto o conceito dos transtornos quanto o do estigma surgiram juntos, pois um era diretamente associado ao outro por conta do preconceito e do tratamento utilizado.

Em um primeiro momento, os psiquiatras manicomiais criaram diversas formas de tratamento para lidar com seus pacientes, mas eram absurdos e desumanizados. Infelizmente, a ciência foi usada como pretexto para muitos experimentos de tratamentos desumanos, e muitas torturas ocorriam nos hospícios. “Quando soltou das correntes os residentes de seu manicômio, Pinel substituiu as correntes por camisas de força e realmente achou que os estava libertando” (GRINKER, 2024, p. 59).

Percebendo que não surtiam efeitos, começaram a estudar mais sobre e fazer levantamentos de dados. Dessa forma, surgem as primeiras categorizações de transtornos e aos poucos, a Psicologia vai surgindo como área de estudo e conhecimento. Por fim, surge a Reforma Psiquiátrica, um movimento social e político que visava uma mudança no tratamento da saúde mental, buscando uma abordagem mais humanizada e respeitosa. Os manicômios são fechados e muitas clínicas de cuidado surgem. A partir desse momento, a história da Psicologia toma um novo rumo, mais cuidadoso e visando à emancipação do paciente.

Com muitos estudos, os manuais de diagnóstico foram sendo desenvolvidos aos poucos e, nas últimas décadas, esse conhecimento tem sido muito disseminado. Como citado acima, com esse grande compartilhamento de informações, o número de diagnósticos tem crescido de forma exponencial. (GRINKER, 2024)

A saúde mental está sendo levada mais em consideração e isso é de fundamental importância, uma vez que afeta diretamente a forma como as pessoas com transtornos mentais são tratadas no cotidiano, como as políticas públicas poderão ampará-las e a forma como os profissionais da saúde devem tratá-las (OMS, 2022). Entretanto, por outro lado, está ocorrendo uma hiperinflação de diagnósticos, causando confusão e dificuldade dos profissionais da saúde lidarem com a situação (FRANCES, 2014).

Podemos perceber isso no livro de Grinker, *“Ninguém é normal"*, no qual ele questiona a normalidade e afirma que é uma ilusão prejudicial, visto que apenas categoriza e estigmatiza as pessoas. Portanto, para ele, precisamos, primeiro, compreender o que é “anormal” nos paradigmas da saúde mental. Para isso, pode-se ter como referência a definição de transtornos mentais pela Organização Mundial da Saúde:

> Os transtornos mentais compreendem um grupo de condições caracterizadas por alterações clinicamente significativas no pensamento, no humor ou no comportamento, associadas a sofrimento pessoal e/ou disfunção no funcionamento social e ocupacional. (OMS, 2022, p. 20).

Sendo assim, é de extrema importância ressaltar a importância de um diagnóstico realizado com cautela, levando em conta todos os aspectos sociais e pessoais do indivíduo para, assim, se realizar um diagnóstico de transtorno mental. Mas afinal, como a Análise do Comportamento pode colaborar com essa situação?

2.2) Uma perspectiva analítica comportamental

De acordo com o prefácio da mais recente edição, o DSM “se propõe a servir como um guia prático, funcional e flexível para organizar informações que podem auxiliar no diagnóstico preciso e no tratamento de transtornos mentais.” (APA - Associação Americana de Psiquiatria, 2013, p. xii).

Porém, a questão fundamental reside na praticidade, funcionalidade e flexibilidade do modelo proposto para uma efetiva compreensão do sujeito. Pela ótica da Análise do Comportamento, é importante sempre observar uma situação por três pontos principais: filogenético, ontogenético e cultural (SKINNER, 2003; TOURINHO, 2009). Sendo assim, um diagnóstico não é o suficiente para explicar os comportamentos e pode ser até mesmo perigoso, uma vez que o sujeito pode se limitar às fronteiras expostas pelo DSM. É necessária uma análise mais aprofundada para realmente compreender o comportamento de um sujeito e o ajudar a lidar com seus problemas. Isso pode ser feito a partir de um acompanhamento psicológico.

É importante ressaltar que o diagnóstico deve ir além dos manuais, pois pode se limitar aos tópicos descritos e restringir a compreensão dos sintomas apresentados. Para os analistas do comportamento, é preciso fazer uma análise topográfica como propõe o manual, porém, mais do que isso, é necessário fazer uma análise funcional para, compreender as multicausalidades envolvidas, assim como outros aspectos históricos, psicológicos e sociais que permeiam sua realidade (MATOS e FERREIRA, 2016).

Para Skinner (2003), a descrição topográfica permite identificar características observáveis de uma resposta, enquanto a análise funcional busca compreender as relações entre o comportamento e as variáveis ambientais das quais ele é função. Essa investigação considera as condições antecedentes, as consequências e a história de aprendizagem do indivíduo, possibilitando uma compreensão contextualizada dos fenômenos comportamentais.

O DSM deve ser visto como um produto cultural que dita determinados sintomas e comportamentos esperados pelo sujeito. Por um lado, pode contribuir para os psicólogos, pois pode ser usado como instrumento base para uma melhor análise funcional, compreensão melhor do caso e até mesmo evitar comportamentos-problema futuros. Porém, por outro lado, ele pode reduzir o sujeito aos aspectos descritos, fazendo com que o cliente acabe se

esquivando dos eventos privados. De acordo com Matos e Ferreira (2016): “Conviver com a própria subjetividade tem se tornado um problema.” (p. 521).

Para compreender melhor como os sentimentos e emoções se relacionam com os diagnósticos, é preciso desenvolver a noção de eventos privados na Análise do Comportamento. O conceito surgiu com os estudos de Skinner, que inicialmente defendia a ideia de que, se o comportamento não é observável, é inacessível à compreensão e ao entendimento público. Sua natureza não é considerada distinta dos eventos públicos e pode ser compreendida a partir das relações funcionais estabelecidas entre o organismo e o ambiente. Nesse contexto, a comunidade verbal desempenha um papel fundamental na aprendizagem de descrições e de experiências privadas.

“Um evento privado pode distinguir-se por sua acessibilidade limitada , mas até onde sabemos não por qualquer estrutura ou natureza especial.” (SKINNER, 1953/1965, p.257). Sendo assim, são estímulos gerados pelo indivíduo que afetam apenas ele. Como exemplo, o autor cita pensar e o define como uma resposta encoberta.

Para realizar uma análise funcional desse tipo de evento, é necessário acessá-los a partir do comportamento verbal, que, segundo Skinner (1945), “é parte de uma relação operante da qual também participam consequências mediadas socialmente” (p. 108). Portanto, as contingências sociais ainda atravessam nossos eventos privados porque o comportamento de nomear sentimentos e emoções, conhecido como tato, é aprendido socialmente.

Dessa forma, os conceitos aqui citados podem ser relacionados com os diagnósticos. Estes são usados como comportamento verbal de tato para expressar os eventos privados e estão atravessados culturalmente por uma sociedade familiarizada com os conceitos psicológicos e banalizando os diagnósticos. Tourinho (2009) propõe que muitas das afirmações sobre interioridade (por ex. “sinto dor”, “penso que…”) sejam compreendidas como respostas verbais que se desenvolvem sob controle de antecedentes e consequências culturais e sociais (história de reforçamento verbal, classes de estímulo, equivalência de estímulos etc.).

Além disso, ele explica que os sentimentos e emoções podem ser abordados apenas como relações, ou seja, devem ser observados como variam em relação à complexidade e se entrelaçam no comportamento e nunca como um fenômeno único e exclusivo. Sendo assim, para, de fato, compreender um fenômeno comportamental, devemos sempre ter em mente a noção de um *continuum* de complexidade. Isso significa incluir “relações produzidas por um nível adicional de determinação” (p.123), ultrapassando os níveis da filogênese, ontogênese e cultura propostos por Skinner.

A proposta de Tourinho (2009) amplia a discussão sobre os eventos privados ao enfatizar a complexidade das relações comportamentais que constituem a subjetividade. Assim, enquanto Skinner oferece fundamentos para compreender os eventos privados como fenômenos comportamentais, Tourinho aprofunda a discussão sobre a constituição relacional da subjetividade e sua vinculação às práticas sociais e culturais.

> Um indivíduo que se comporta de determinados modos em certos contextos e sensível (ou não) a certas consequências pode ser considerado por outros "depressivo", ou não, independente de se auto descrever desse modo. Todavia, quando aprende a dizer-se um indivíduo depressivo, dependendo das contingências culturais a que tiver sido exposto, pode estar aprendendo mais do que isso. Pode aprender, também, que sujeitos deprimidos são um fracasso social, tem dificuldades para cumprir funções profissionais, não são bem-sucedidos afetivamente e etc. Essas descrições entram no controle de uma ampla gama de outros comportamentos e muitas mais relações (e muito mais complexas) passam a ser constitutivas de sua depressão. (TOURINHO, 2009, p. 125)

Isso pode ser diretamente relacionado à forma como os indivíduos lidam com o diagnóstico e com o estigma que recai sobre eles, que estão atravessados por questões sociais e subjetivas de julgamento (GRINKER, 2024).

Seguindo a lógica dos eventos privados, Tourinho (2009) exemplifica a situação com um relato de angústia, uma resposta verbal em que "o controle de respostas verbais por estímulos privados não se descola das contingências baseadas em estímulos públicos" (p. 113). Os eventos privados, assim como os comportamentos públicos, são aprendidos e variam historicamente, o que permite relacioná-los à construção dos estigmas discutida por Goffman (1988). Sendo assim, é possível relacionar essa perspectiva à ideia apresentada por Grinker (2024), segundo a qual o capitalismo contribuiu para tornar os indivíduos socialmente mais separados e reclusos uns dos outros.

Após explicar e contextualizar a dualidade público e privado, Tourinho (2009) argumenta que devemos rejeitá-la, porque os comportamentos são "fenômenos de maior complexidade dos quais podem participar estímulos públicos e respostas encobertas" (p. 116). Eles são eventos que variam em um *continuum*, em certos eventos em contextos de relações. Ou seja, devemos considerá-los como eventos com certas funções em certos contextos. A lógica do público e do privado é reducionista e impede a capacidade de compreensão total do

fenômeno. Por exemplo, o pensar deve ser visto como uma relação do homem com o mundo e não categorizado como um tipo específico de evento.

Seguindo a lógica de pensamento da Análise do Comportamento, "… cada indivíduo é o produto único de uma conjunção de determinações filogenéticas, ontogenéticas e culturais." (TOURINHO, 2009, p. 154) e para compreendê-lo de fato, é necessário ter esse caráter idiossincrático.

Entretanto, o autor enfatiza que é necessário encontrar um equilíbrio na discussão, pois a individualidade existe, porém os indivíduos não são autônomos, eles convivem em uma sociedade e são diretamente afetados por ela. Apesar de viverem em um contexto cultural uniforme e coletivamente compartilhado, cada história pessoal é única. A individualização então surge como a forma singular em que esse indivíduo mantém suas relações com o ambiente.

Um exemplo citado é o comportamento de trabalhar. É dado um pressuposto universal de que todos devem trabalhar, mas cada um pode ter sua própria contingência de reforço e o motivo de continuar trabalhando se torna individual. "Quanto mais as relações entre os homens e mulheres são medidas pela moeda, maior a individualização encontrada na sociedade; em grupos ainda comunitários, essa mediação está menos presente." (p. 161).

2.3)Uma síntese dos resultados

Ao longo da leitura realizada dos textos selecionados, foram levantados os seguintes conceitos em cada autor:

Tabela 1 - Esquema de síntese que relaciona os conceitos principais dos autores.

Autor	**Conceitos importantes**
Grinker	Estigma, **Cultura**, Normalidade, Transtorno mental, **Capitalismo**, Medicalização, **Controle**, Loucura, Banalização
Skinner	**Comportamento**, Análise funcional, Reforço, Punição, Função, **Eventos Privados**, **Cultura** e **Controle**
Tourinho	**Comportamento**, **Cultura**, Subjetividade, Dicotomia, **Capitalismo**, Eventos Privados, Individualização, Autonomia, **Autocontrole**

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Observando a tabela, é possível perceber que existem alguns conceitos encontrados em comum; entretanto, o único que se faz presente nas 3 obras é "Cultura". Sendo assim, serão selecionados os conceitos que mais se encaixam no tema da pesquisa para que assim ela possa ser desenvolvida. Embora nem todos os conceitos sejam abordados explicitamente pelos três autores, a identificação de aproximações teóricas permite estabelecer articulações entre suas contribuições. Dessa forma, a comparação não se limita à presença dos mesmos termos nas obras, mas também considera as relações conceituais que podem ser estabelecidas entre elas.

Sendo assim, os principais conceitos que foram selecionados para uma análise mais minuciosa a partir do PICT foram: **estigma, normalidade, capitalismo, eventos privados e controle social.**

Além dos conceitos, foram analisadas também as principais teses apresentadas por cada autor, e mesmo sem usarem os mesmos termos, é possível fazer uma correlação e uma leitura atual a partir do tema da presente pesquisa. Em Grinker (2024), por exemplo, os principais conceitos buscados foram: construção social da normalidade, o papel do estigma e da exclusão e a influência da cultura nos transtornos mentais. Já em Skinner (2003) foram: estigma como resultado de reforços sociais ambientais, papel do condicionamento operante nas regras sociais e agências de controle sociais. E, por fim, em Tourinho (2009) foram: desenvolvimento do capitalismo e a noção de eventos privados na atualidade.

Vale a pena ressaltar um fator de muita importância ao se comparar os três autores presentes, que é o seu contexto histórico e de vida no momento em que desenvolveram suas obras. Tanto Skinner como Grinker terão um ponto de vista centrado na cultura norte-americana, entretanto, de diferentes épocas. A obra de Skinner é estudada e tida como referência até hoje, portanto, ela se apresenta de forma bem ampla e conceituada para o estudo. Já Grinker, apesar de trazer visões muito diferentes e comentar sobre diversos países, seus principais dados de análise em relação ao aumento de transtornos mentais são relacionados aos Estados Unidos.

Já Tourinho é brasileiro, porém traz sua cultura como grande referência em sua obra, tentando manter um aspecto geral do desenvolvimento da história e a criação de uma subjetividade pautada no sujeito moderno como um todo.

Tanto Tourinho, quanto Skinner têm uma formação na área da psicologia, o que faz com que sejam mais tecnicamente precisos em seus termos e visões em relação ao indivíduo, o que colaborou muito para o desenvolvimento do trabalho. Já Grinker tem uma formação na área da antropologia e traz aspectos mais sociais e coletivos. Entretanto, seu livro tem um público-alvo diferente, sendo assim, apresenta uma linguagem mais antropológica. A junção dos três permitiu que essa pesquisa se desenvolvesse com diferentes pontos de vista e diferentes conceitos.

Por fim, as três obras foram escritas em momentos diferentes da história, dessa forma, permite-se um panorama geral e percebe-se que o assunto é transgeracional.

Para a presente análise da pesquisa, foi feito um esquema em tabela de acordo com o PICT de Laurenti (2016) relacionando os principais conceitos do trabalho entre os autores escolhidos:

Tabela 2- Esquema dos conceitos analisados

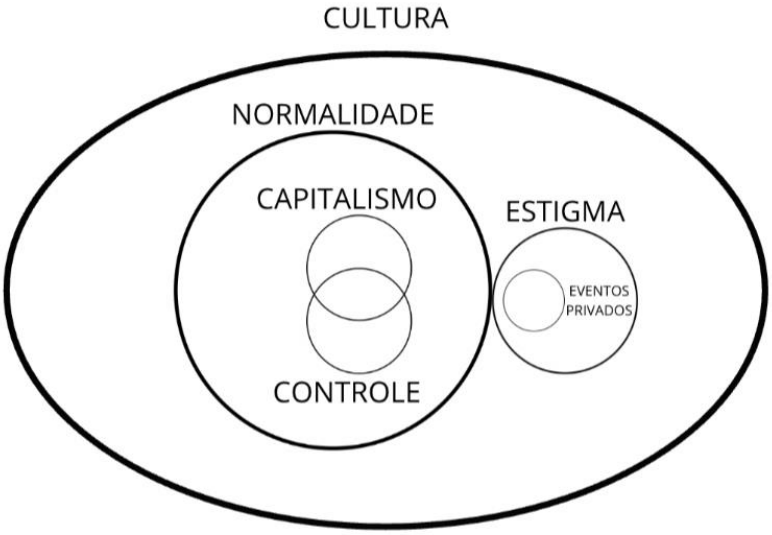
	GRINKER	**TOURINHO**	**SKINNER**
Estigma	O estigma é uma construção social que reúne medos e preconceitos ao comparar pessoas a um ideal de "normalidade", criando uma sombra indesejada que leva muitos a esconder suas dificuldades. Como varia conforme o tempo e a cultura, a maior visibilidade e discussão sobre transtornos mentais reduziram o medo e a vergonha, tornando esses temas mais comuns e favorecendo a busca por cuidado.		
Normalidade	Ninguém é normal. A ideia de "normal" é uma construção social ilusória que historicamente serviu para incluir alguns e excluir outros, apesar de ninguém realmente corresponder a esse padrão. Com o tempo, especialmente após a Segunda Guerra Mundial, a normalidade tornou-se um ideal prescritivo definido por homens brancos para homens brancos, reforçando conformidade e preconceitos na compreensão dos comportamentos e da saúde mental.	A normalidade é construída culturalmente, acompanhando transformações nas condições materiais e nos padrões sociais de comportamento. Ela se relaciona ao processo civilizador, no qual normas e códigos de conduta orientam o autocontrole e a adaptação do indivíduo à vida social.	"Geralmente se denomina o comportamento de um indivíduo bom ou certo na medida em que reforça outros membros do grupo, e mau ou errado na medida em que é aversivo"p.353
Capitalismo	Segue-se que, se uma força econômica como o capitalismo criou o estigma do transtorno mental como a antítese dos ideais do trabalhador moderno, então mudanças no capitalismo também podem afetar o estigma e as nossas ideias sobre a identidade. - p. 23	O capitalismo é um modelo econômico que promove a individualização e a valorização da realização pessoal. Sua base ética, influenciada pelo protestantismo, legitima o trabalho e a acumulação.	Agência controladora econômica que rege a vida do indivíduo moderno.
Eventos privados	Eventos privados caracterizam-se por terem acesso restrito ao próprio indivíduo. Sua descrição é aprendida na linguagem, sob o controle de contingências sociais e de critérios de uso compartilhados.	Eventos privados são sentimentos e pensamentos constituídos nas relações sociais e mantidos por contingências públicas. Sua observabilidade é funcional e depende do contexto.	"Um evento privado pode distinguir-se por sua acessibilidade limitada , mas até onde sabemos não por qualquer estrutura ou natureza especial." (SKINNER, 1953/1965, p.257).
Cultura	União de saberes, crenças, opiniões, rotinas e cotidianos que se apresentam de formas diferentes em cada sociedade. A cultura é determinada historicamente e socialmente; ou seja, é variável e mutável.	A cultura reúne práticas, valores e crenças que orientam as relações humanas e podem reforçar o individualismo. Suas mudanças são impulsionadas, sobretudo, pelas condições materiais e históricas de vida.	A cultura consiste no conjunto de contingências de reforço socialmente organizadas que moldam e mantêm o comportamento dos indivíduos. Ela é transmitida e modificada pelas práticas sociais que selecionam comportamentos ao longo do tempo.

Controle social	**Imposição de limites a comportamentos considerados desviantes em relação às regras e normas vigentes. Se apresenta muitas vezes por instituições como o Estado e economia.**	O controle envolve a regulação social do comportamento e a crescente exigência de autocontrole. Ele se intensifica com o refinamento dos costumes e a complexidade das relações sociais.	O controle refere-se à relação funcional entre o comportamento e as variáveis ambientais que o influenciam. Ele ocorre por meio de contingências de reforço, que aumentam ou diminuem a probabilidade de resposta.

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Por fim, é possível resumir toda a análise realizada em uma teia conceitual com os resultados da pesquisa:

Esquema 1 - Teia conceitual - resultado da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora (2026).

A cultura é o grande conceito que rege todos os outros e está envolto em todos. Ela é o que os conecta e lhes permite existir. A normalidade é uma de suas normas estabelecidas socialmente que surgem a partir do controle e do capitalismo. Ambos se conectam e, de certa forma se unem, não conseguem se separar. Por fim, o estigma encontra-se marginalizado da normalidade, mas, ainda assim, em contato com ela. O estigma tem uma perspectiva tanto cultural, quanto privada, que se encontra dentro das pessoas estigmatizadas, em seus eventos privados, pensamentos e emoções.

Após toda a análise realizada das três obras dos autores acima, nota-se que tanto Tourinho (2009), quanto Skinner (2003) não abordam diretamente alguns dos conceitos trabalhados. Entretanto, é possível fazer uma articulação indireta de suas teorias com estes para melhor desenvolvimento da pesquisa.

O conceito principal que dá norte a toda essa pesquisa, o “Estigma”, é um desses. Assim como para Grinker (2024), para Skinner (2003) e Tourinho (2009), o estigma pode ser entendido como um constructo social. É uma determinação com base no conceito da “Normalidade”. Segundo Tourinho (2009), a ideia de indivíduo é histórica, portanto, se torna um produto de contingência cultural ligado ao momento presente. Os eventos privados correlacionados com os eventos públicos usados pela comunidade também são resultado do comportamento discriminativo, não de simples estimulação. (SKINNER, 2003, p. 290)

Seguindo essa linha de raciocínio, a normalidade e os padrões de comportamento são socialmente aprendidos. E, para além disso, o autor também conclui que os eventos privados também são aprendidos da mesma forma. Até os pensamentos e as emoções carregam consigo o estigma da normalidade e o peso da norma.

Pensando mais a fundo sobre o conceito, o estigma seria um preconceito estabelecido de forma negativa em relação ao ideal estabelecido para os indivíduos. Desta forma, é possível entender que o estigma carrega consigo efeitos emocionais negativos de uma punição. De acordo com Skinner (2003), a punição se baseia na redução da probabilidade de um comportamento ocorrer, ela pode se apresentar de forma positiva, adicionando um estímulo aversivo à contingência, ou retirando um estímulo agradável da contingência. Isso pode se relacionar com o estigma, pois ele é um preconceito que muitas vezes é acompanhado por críticas, discurso de ódio, falas pejorativas etc. (o que se categoriza como punição positiva) ou exclusão, intolerância e desigualdade (o que se categoriza como punição negativa). Comportamentos severamente punidos socialmente têm a tendência de elicitar “fortes predisposições emocionais” como “culpa, vergonha, ou sentimento de pecado.” (SKINNER, 1953, p. 204).

Como dito anteriormente, o estigma surge por meio de um constructo social, estabelecido e bem categorizado: o “transtorno mental”. Assim como Grinker (2024) explica na tabela acima, os transtornos mentais são padrões de comportamento. Ao pensar em uma lógica skinneriana, pode-se entender o transtorno mental como uma classe de comportamentos e eventos privados que estão sob controle de determinadas contingências. Portanto, para gerar essa classificação, é necessário observar a história de reforço e repertório desenvolvido pelo indivíduo. Para Grinker, “O transtorno mental e o estigma nasceram juntos” (2021, p.57).

Como dito anteriormente, o estigma é criado socialmente de acordo com o momento histórico em que se perpetua. Um ponto crucial que Skinner (2003) enfatiza muito é a forma como nossos comportamentos estão diretamente relacionados com as agências de controle, principalmente as econômicas. Em sua obra, Grinker (2024) diz: “O estigma não deriva da

ignorância ou do desconhecimento, mas antes da concepção do transtorno mental como a marca do ocioso, de uma personalidade incapaz de realizar o ideal: produzir para si e para a economia." (p. 22).

Atualmente, vivemos em um sistema de contingência baseado em reforço econômico, ou seja, a produção e o consumo condicionam o comportamento do indivíduo na sociedade moderna (TOURINHO, 2009 e GRINKER, 2021). Em sua obra, Tourinho (2009) desenvolve como, na transição do sistema feudal para o sistema capitalista, o trabalho toma outra forma para o trabalhador: o que antes era feito de forma coletiva e para o grupo se torna um trabalho fragmentado, alienando o trabalhador e tornando-o completamente individualista. O dinheiro se torna um reforçador generalizante, que permite ao trabalhador adquirir outros reforçadores e, assim, cada vez mais se tornam sujeitos com menos senso de comunidade e falta de identidade.

Sendo assim, os trabalhadores que começaram a não suportar esse ritmo foram excluídos socialmente, pois não conseguiam produzir. Como solução, nos séculos XVII e XVIII, surgiram os manicômios, que eram locais de confinamento e exclusão. Ao longo dos séculos, foram se desenvolvendo tratamentos psiquiátricos e psicológicos para esses casos, o principal foi a medicalização.

A medicalização surge como alternativa para o tratamento do sofrimento, ela proporciona grande suporte para o melhor desenvolvimento de casos psiquiátricos e, ao longo da história, foi sendo cada vez mais aprimorada. Entretanto, ela tem se tornado banalizada e usada em excesso de forma indiscriminada. Frances (2014) argumenta que a psiquiatria tem patologizado vivências cotidianas e medicalizado pessoas que não precisavam deste tratamento. Isso se dá porque a medicalização impulsiona interesses comerciais e a indústria farmacêutica cria o ideal de que o remédio pode ser um grande “salvador”.

O autor problematiza a ampliação das categorias diagnósticas e os riscos da medicalização de experiências cotidianas de sofrimento. Essa crítica não implica desconsiderar a importância dos tratamentos farmacológicos quando clinicamente indicados, mas ressalta a necessidade de avaliações criteriosas, capazes de distinguir condições que demandam intervenções específicas de experiências que podem ser compreendidas no contexto das relações sociais e da história individual.

Outro ponto levantado por Frances (2014) é que grande parte dos remédios psiquiátricos é tarja preta e muitas vezes viciante. Ou seja, um paciente que estava apenas passando por problemas cotidianos é diagnosticado e medicalizado, se tornando um paciente psiquiátrico, pois vira dependente do remédio. A medicalização muitas vezes apenas desloca

o foco explicativo da causa e reduz o sintoma a uma condição física (GRINKER, 2024 e FRANCES, 2014).

Isso está diretamente atrelado a uma banalização que vem ocorrendo dos diagnósticos dos transtornos mentais. De acordo com Grinker (2024), está havendo um movimento de redução dos fenômenos subjetivos complexos a meros rótulos. Estão sendo criadas descrições científicas para fenômenos cotidianos. Nesses casos, percebe-se a falta de uma análise funcional, que tem como objetivo entender o comportamento do indivíduo no meio em que vive e, assim, pode-se concluir o quão patológico ou não ele é (SKINNER, 2003).

Para Skinner (2003), "É a sociedade que ensina o indivíduo a 'se conhecer'." (p. 285). Desde a infância, é ensinado a se comunicar por meio do comportamento verbal para ser reforçado, e assim faz uso das palavras para se expressar e dizer o que está sentindo. Desta forma, os eventos privados se tornam eventos públicos por meio do comportamento verbal socialmente formado. Como dito anteriormente pelo autor, a sociedade cria ferramentas para o próprio indivíduo se conhecer.

Sendo assim, pode-se dizer então que todo o comportamento verbal então é carregado de estigmas e padrões socialmente "impostos". Essa classificação foi aprendida e desenvolvida para que os sentimentos que antes eram eventos internos pudessem ser melhor compreendidos por outros indivíduos. De certa forma, é muito eficaz e pode ser de grande ajuda para melhor expressão de si mesmo. Entretanto, nota-se que os termos psicológicos usados para determinar certos sentimentos ou categorias diagnósticas têm se tornado cada vez mais comuns e usados de forma inconsequente, banalizando transtornos ou sintomas psicológicos (GRINKER, 2024).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa evidencia que os conceitos de normalidade e transtornos mentais são construídos socialmente e sofrem um estigma que foi se desenvolvendo ao longo da história. A cultura, especialmente no contexto capitalista, dita a normalidade a partir de um controle social e, desta forma, exclui todos que não se encaixam em seus parâmetros. Nesse contexto, o estigma surge como um produto social associado à ideia de normalidade, impactando a subjetividade dos indivíduos e reforçando práticas de exclusão. Diante disso, surgem os transtornos mentais que visam explicar os comportamentos anormais. Muitas pesquisas, manuais e políticas públicas foram desenvolvidos a respeito disso.

Durante a pesquisa, observou-se que, embora o avanço das discussões sobre saúde mental tenha contribuído para a ampliação do acesso ao cuidado e para a redução de

preconceitos, também tem favorecido a banalização e a hiperinflação de diagnósticos. A indústria farmacêutica em conjunto com a psiquiatria tem favorecido para a patologização da vida cotidiana, medicalizando e laudando de forma desenfreada.

Por fim, destaca-se a necessidade de uma abordagem crítica e ética, que vá além dos manuais classificatórios e considere a singularidade de cada indivíduo, promovendo uma compreensão mais ampla e contextualizada do sofrimento psíquico e evitando a redução do sujeito a rótulos diagnósticos.

4. REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-5. 5. ed. Arlington: American Psychiatric Publishing, 2013.

CAPONI S, et. al. *Medicalização da Vida*: Ética, Saúde Pública e Indústria Farmacêutica. 1ª Edição. Palhoça: Editora Unisul, 2010.

FRANCES, Allen. *Voltando ao Normal:* Como o excesso de diagnósticos e a medicalização da vida estão acabando com a nossa sanidade e o que pode ser feito para retomarmos o controle. Tradução de Ivo Korytowski. São Paulo: Versal, 2014.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GRINKER, Roy Richard. *Ninguém é normal:* como a cultura criou o estigma do transtorno mental. São Paulo: HarperCollins Brasil, 2024.

LAURENTI, C.; LOPES, C. E.; & ARAÚJO, S. F. (Eds.). (2016). *Pesquisa teórica em psicologia:* aspectos filosóficos e metodológicos. São Paulo: Hogrefe CETEPP.

MARZAL, Javier; CAPONI, Sandra. *A psiquiatrização da vida cotidiana e a construção de neuroidentidades virtuais.* Revista TOMO, São Cristóvão, v. 44, 2025.

MATOS, João Pedro Alves; FERREIRA, Tiago Alfredo da Silva. A cultura do diagnóstico e a emergência de subjetividades psicopatológicas. *Acta Comportamentalia*, v. 24, n. 4, p. 509-523, 2016.

MEDEIROS, João Bosco. *Redação científica*: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

TOURINHO, Emmanuel Zagury. Subjetividade e relações comportamentais/ Emanuel Zagury Tourinho. 1. ed. São Paulo: Paradigma, 2009.

SKINNER, B. F. A análise operacional de termos psicológicos. Tradução de Hélio José Guilhardi e Patrícia Piazzon Queiroz. In: SKINNER, B. F. *Cumulative Record*. [S.l.]: Appleton-Century-Crofts, 1961. Publicação original em *Psychological Review*, v. 52, n. 5, p. 270-277, 1945.

SKINNER, B. F. *Ciência e comportamento humano.* Tradução de J. C. Todorov e R. Azzi. 12. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2003.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *World mental health report:* transforming mental health for all.*t* Geneva: World Health Organization, 2022.

Contatos: 10401673@mackenzista.com e alexmoreira@mackenzie.com.br